

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE “O ÚLTIMO CAPÍTULO” NO CENTENÁRIO DA *REVISTA* *ATLÂNTIDA*

ISABEL CRUZ LOUSADA *

LUCIANA ELEONORA DE FREITAS CALADO DEPLAGNE **

RESUMO: O artigo que apresentamos tem por base a celebração do centenário da revista *Atlântida*, no ano que decorre, 2015, através da abordagem ao conto de Júlia Lopes de Almeida aí publicado, no número 3, em 1916, intitulado «O último capítulo». Considerada a pertinência do papel da Editora Mulheres e a da sua fundadora, Zahidé Muzart (cuja morte ensombrou, neste mesmo ano, o panorama dos Estudos de Género, particularmente no Brasil e em Portugal), para o conhecimento da obra da escritora Júlia Lopes de Almeida, procuraremos articular diversos aspectos no sentido de ilustrar a obra de tão relevantes autoras atendendo ao panorama da escrita de autoria feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Júlia Lopes de Almeida, Zahidé Muzart, Autoria Feminina, Mulheres Escritoras na História, Centenário revista *Atlântida*.

ABSTRACT: Having in mind the centenary of revista *Atlântida* (2015), this essay will recall the novel published in the above mentioned

* Doutora em Estudos Comparados Anglo-Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Investigadora Auxiliar da FCSH/UNL. Investigadora Integrada do CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais FCSH/UNL. Investigadora Colaboradora do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da FL/UL

** Doutora em Teoria da Literatura (UFPE). Pós-doutoranda no CICS.NOVA-Universidade Nova de Lisboa. Professora Adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa do Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

magazine by Júlia Lopes de Almeida entitled «The last chapter». Zahidé Lupinacci Muzart, founder and director of a leading Brazilian publishing house on Women Studies: *Mulheres* was expert as well in Júlia Lopes's works. *Mulheres* edited many of Júlia Lopes de Almeida romances which were out of print, with the collaboration of well know specialists of Gender Studies bringing light to text and context. Zahidé Muzart passed away recently and “The last chapter” is reprinted in *Historiae* as a homage, in memoriam of her life and work.

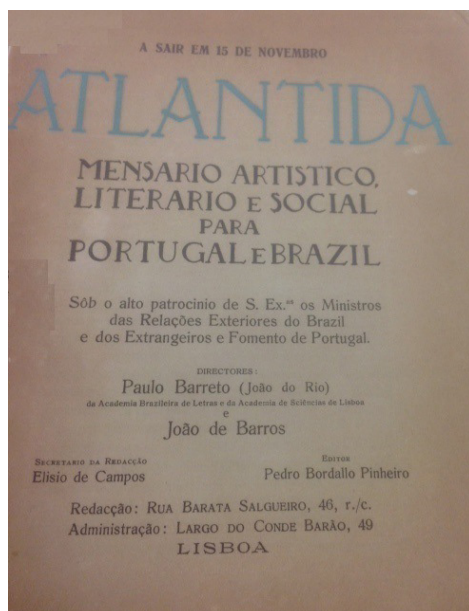
KEYWORDS: Júlia Lopes de Almeida, Zahidé Muzart, Female authorship, Women Writers in History, Centenary *Atlântida* Magazine.

In memoriam Zahidé Lupinacci Muzart (1939-2015)

Morrer não é acabar para os que deixam na Terra um pensamento
Júlia Lopes de Almeida

A revista *Atlântida: Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil* (1915-1920) nasce com uma vocação bilateral unindo dois pontos geográficos separados pelo Atlântico. Pretendemos assinalar a efeméride na passagem do centenário em que João do Rio e João de Barros, vultos de singular importância, respectivamente no Brasil e em Portugal, editam o primeiro número da revista que dirigem. A data 15 de Novembro de 1915 coincide com a passagem dos 26 anos da proclamação da República Brasileira³.

3 “O Percurso da *Atlântida*” pp. 18-19. In *Atlântida: a invenção da comunidade luso-brasileira*. Lucia Maria Pascoal Guimarães, Luís Andrade, Zília Osório de Castro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.



DIRECTORES:
NO BRASIL — João do Rio
EM PORTUGAL — João de Barros
SECRETARIO DA REDACÇÃO: E. de Campos — EDITOR: Pedro Bordallo Pinheiro

15 de Novembro de 1915

N.º 1

SUMARIO	
<i>Atlântida</i>	João de Barros
<i>O Sonho da Atlântida</i>	João do Rio
<i>Reth</i>	Olavo Bilac
<i>A chavena de chá, reprodução inédita de um quadro de</i>	Columbano
<i>... Quand on ne s'aime plus.</i>	Julio Dantas
<i>A Revolução de 1640 e o terror bragantino</i>	Theophilo Braga
<i>Ramalho Ortigão, reprodução do desenho de</i>	Sargent
<i>Um Diplomata do Imperio</i>	Luiz da Camara Reis
<i>Os Dois Sebastianistas</i>	Velloso-Rebello
<i>Campos da minha terra</i>	Afonso Lopes Vieira
<i>Relações Luso-Brazileiras</i>	Teixeira de Queiroz
<i>Romanço d'um escultor</i>	Moreira Telles
	Manoel de Sousa Pinto
REVISTA DO MEZ	
<i>O novo Presidente da Republica Portuguesa</i>	João de Deus Ramos
<i>O Senador Azeredo</i>	J. B.
<i>Navegação entre Portugal e o Brazil</i>	Mario Carvalho
<i>Os Theatros</i>	Avelino d'Almeida
<i>Olavo Bilac em S. Paulo</i>	
<i>Maria Augusta Bordallo Pinheiro</i>	
<i>Liros</i>	

Legenda: Capa do n.º1 da revista *Atlântida* e frontispício

Lucia Guimarães (2013, p. 19) deixa-nos saber que a ideia desta publicação surge em Lisboa, em 1909, altura em que João do Rio e João de Barros se conhecem, por intermédio de Manuel de Sousa Pinto que sugerira dever a revista ter por nome «Atlântico». O projeto editorial viria a materializar-se somente 6 anos depois, e com nome cujo radical mantém o da ideia original – Atlanti – mas passando a ter uma terminação distinta – da – remetendo «Atlântida» para uma transcendência que o Oceano não permitia alcançar... atingindo o Mito.

“Num dos seus diálogos, ‘Timeu’, Platão falava da geografia da Atlântida e num outro, ‘Critias’, descrevia a civilização que povoava aquela ilha fantástica, contando detalhes históricos do seu povo, descrevendo a sua organização política, social e religiosa. Platão revelava assim parte do que encontrou nos pergaminhos recebidos em criança e que tentou traduzir para o grego. Segundo os pergaminhos, cerca de 9.000 anos antes, tinha existido um continente que era um poderoso império de imensa beleza, onde os animais e as pessoas viviam pacificamente e que se chamava *Atlantis* ou Atlântida. Descrevia aquela terra como um paraíso perdido [...] A Atlântida era um império de navegadores e fora um grande centro comercial do seu tempo. O palácio era ‘uma verdadeira obra-prima, pelas suas dimensões e beleza.’”⁴

As qualidades e dons dos habitantes dessa civilização chegaram até nós, em forma de lenda, revelando forças superiores e domínio técnico e científico roçando a perfeição. O nome eleito para a revista juntava assim, a um só tempo, o fascínio que o mito histórico em si comportava e apontava para um ponto imaginário e/ou imaginado, um continente que não era o europeu nem o americano, perdido entre os dois, submerso nas profundezas do Atlântico e que não estando num espaço definido pertenceria a ambos⁵.

Em Portugal a efeméride centenária incluiu uma mostra,

4 Labare, M.. *Atlântida – O mito contado aos jovens*, Linda-a –Velha, MHIJ – Editores, 2006, pp. 21-23.

5 Assinale-se que o título *Atlântida* havia anteriormente sido usado na publicação mensal sob a direção de Alfredo França, Costa de Cabêdo, Henrique Braz e Henrique Paz com o subtítulo *Revista dos Ilhéus*, tendo em Junho de 1906 vindo a lume o primeiro número.

patente na Biblioteca Nacional de Portugal (23 Outubro a 31 Dezembro), comissariada por Luís Andrade, em cuja folha de sala se sintetizam os princípios intrínsecos aos volumes em apreço:

“Numa época em que as afinidades republicanas encurtavam o oceano e a ameaça pangermânica instigava a afirmação da civilização latina, a revista *Atlântida* propôs-se promover um conhecimento recíproco entre as nações da língua de Eça e de Assis que se mostrasse capaz de conduzi-las a um relacionamento próximo.

Embora a colaboração literária e plástica de autores reputados e o gosto convencional da época tenham feito o tom geral da revista, de acordo com uma perspectiva que via nos escritores e nos artistas a expressão lídima dos povos, os focos de interesses da publicação abarcaram igualmente questões políticas, as relações económicas e a atualidade, nomeadamente o evoluir e o desfecho da Grande Guerra.”

Houve ainda lugar a algumas iniciativas em diversos pontos do país, nomeadamente Figueira da Foz, mas na BNP destacamos dois encontros em particular, sob a égide de António de Barros, neto de João de Barros, em 23 e 27 de Outubro, nos quais tomaram a palavra Cláudia Poncioni, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Luís Andrade, Virgínia Camilotti e Zília Osório de Castro.

* * *

“Sempre me perguntei das razões para o esquecimento de Júlia Lopes de Almeida, autora de uma obra consistente em número e em qualidade.”⁶ Esta interessante questão partilhada por Zahidé Muzart, serve de ponte para a homenagem que queremos prestar. O facto de o trabalho lhe ser dedicado em 2015, altura em que deixa de estar entre nós, prende-se com o contributo que esta estudiosa nos legou, ainda impossível de avaliar, para os estudos em torno da autoria feminina, em particular, no Brasil, e para os Estudos sobre as Mulheres, em geral.

Importa-nos desde já assinalar o empenho colocado na investigação, resgate e publicação da obra de Júlia Lopes. Cerca

6 Muzart, Zahidé. “Um romance emblemático de Júlia Lopes de Almeida: crise e queda de um sistema” In *Navegações*, v. 7, n. 2, p. 134-141, Jul-Dez. 2014, p. 135.

de 10 narrativas foram publicadas entre 1997 e 2015, pela Editora Mulheres, que criara, em Florianópolis, no ano de 1996, com Susana Bornéo Funck. Os títulos editados são, atendendo à data de publicação: *A Silveirinha*, *A Viúva Simões*, *A falência*, *Memórias de Marta*, *A Família Medeiros*, *Pássaro Tonto*, *Ânsia eterna*. Contos, *Correio da Roça*, *Funil do Diabo* e *Cruel Amor*.

O Funil do Diabo, romance de Júlia Lopes de Almeida cuja organização, estabelecimento do texto e introdução pertencem a Zahidé Lupinacci Muzart, inclui ainda uma biografia de D. Júlia elaborada pela filha, Margarida Lopes de Almeida e apresentação de Norma Telles⁷.

É esta última quem refere:

“Um manuscrito encontrado meio a arquivos pessoais, anos após a morte de uma autora conhecida, é sempre motivo para regozijo e devaneios. E foi o que se passou quando Zahidé Muzart se deparou com um texto desconhecido de Júlia Lopes de Almeida. Seria uma história completa? Um romance ou um conto? Interessante? O *Funil do Diabo* se mostrou uma história completa, inédita e interessante. Um romance de mistério em torno de roubos que aconteceram no interior de uma casa meio a uma vasta propriedade.”

Na “Nota prévia” sentimento idêntico nos é afirmado, desta feita pela organizadora do volume: “É raro encontrar um quase-inédito de uma escritora tão conhecida como Júlia Lopes de Almeida. Esse texto se deve ao cuidado de seu neto, Dr. Cláudio Lopes de Almeida, na preservação do acervo da escritora, hoje doado para a Academia Brasileira de Letras.”.

Não foi o acaso a ditar a transcrição deste pequeno trecho pois ele se prende com questões de grande monta ao reportarmos-nos à recuperação e ao resgate da escrita de autoria feminina. O papel dos arquivistas, dos depositários, da família, dos e das cuidadoras de documentos que tantas vezes são deixados perdidos por serem desconsiderados. É precisamente nesse introito que Zahidé nos dá a sua apreciação em torno da escritora em epígrafe e alude ao facto de que “A Editora Mulheres procura reeditar a obra da

7 Orelha da obra *O Funil do Diabo*.

grande escritora que foi Júlia Lopes de Almeida. Entre todos os escritores do final do século XIX, foi ela um dos melhores.”⁸

Por diversas vezes se em afirmado que no que à História das Mulheres e muito em concreto, no que à autoria diz respeito, um rigoroso escrutínio em arquivos de família, fontes, publicações periódicas, muito podem vir a contribuir para o conhecimento relacionando a autoria feminina ao longo dos tempos e desvendando algumas “performances” parecendo desgarradas da convencionalmente designada “rejeição pelo cânone” da escrita pela pena das mulheres. Contudo, um escrutínio sistemático e em grande escala poderá trazer luz a esses contornos por vezes pouco claros.

O caso vertente, atente-se nas duas páginas infra, que, do lado esquerdo reproduz a página do índice dos volumes da revista *Atlântida*, tem indicado o título “O Último Capítulo” mas a autoria com nome grafado no masculino, Júlio ao invés de Júlia. O mesmo não acontece no miolo, no caderno respeitante ao volume n.º 3 em cujo sumário, que apresentamos do lado direito da página, se pode ler corretamente, tanto o título do texto, como o nome da autora, Júlia Lopes de Almeida. Poderá ter sido esta a razão para que até hoje este texto tenha ficado por referenciar no extenso rol de biografias de Júlia entretanto publicadas. Nem mesmo a mais recentemente vinda a lume, em *O Funil do Diabo*, pela pena da filha Margarida, que de sua mãe lembra: “Nasceu e morreu no Rio de Janeiro. Para a sua cidade trabalhou incansavelmente, durante cinquenta anos, obedecendo ao lema que se impôs: ‘Semeia até na pedra!’”⁹

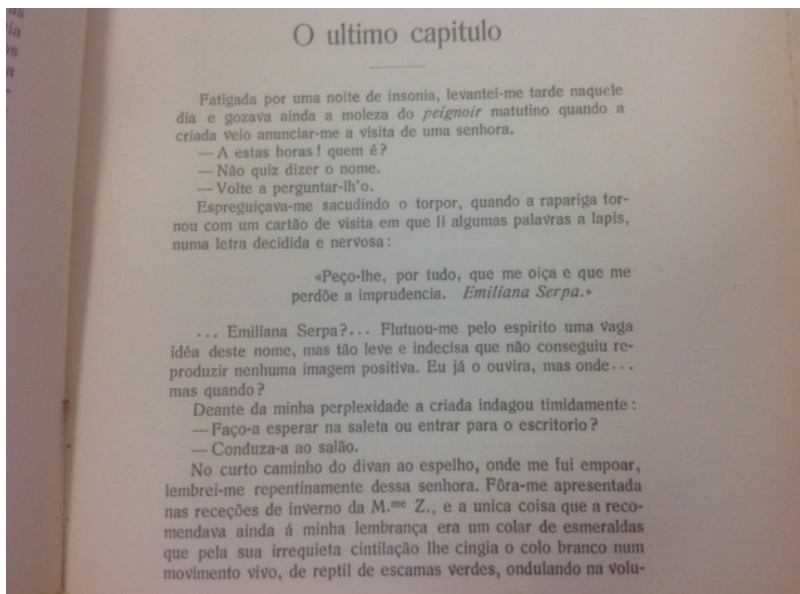
8 Muzart, Zahidé. In “Nota Prévia”. *O Funil do Diabo*, p. 16.

9 Almeida, Margarida Lopes. In “Biografia de Dona Júlia”. *O Funil do Diabo*, p. 206.

Cumpria-nos pois, perante as coincidentes datas, partilhar com o grande público, através da revista *Historiae*, o feliz encontro que tivemos em 2015 com “O Último Capítulo”¹⁰ publicado na revista cujo centenário se celebra, precisamente no mesmo ano em que Zahidé nos deixa, e Júlia Lopes de Almeida assina um “édito-inédito” – não um “último capítulo”, com que nos deparamos e cuja história poderemos doravante ler adiante, que muita alegria traria, estamos em crer, também à nossa homenageada ver divulgada perante um público maior. Abre-se um novo capítulo para que no futuro possamos analisar com maior detalhe e enquadrar a narrativa que transcrevemos no âmbito da vasta obra da escritora que se encontra: “Entre as raras vencedoras, salienta-se então, e com grande consciência de exercer a literatura como profissão, de viver da literatura, Júlia Lopes de Almeida.”¹¹

10 *Atlântida*, n.º 3, 1916, pp. 205-209, disponível online em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Atlantida/Atlantida.htm>, acessado a 30 de Novembro de 2015.

11 Muzart, Zahidé, *Ibidem*, Navegações. 2015. V. 7, n. 2, p. 135.



O último capítulo

Fatigada por uma noite de insônia, levantei-me tarde naquele dia e gozava ainda a moleza do peignoir matutino quando a criada veio anunciar-me a visita de uma senhora.

- A estas horas! quem é?
- Não quis dizer o nome.
- Volte a perguntar-lho.

Espreguiçava-me sacudindo o torpor, quando a rapariga tornou com um cartão de visita em que li algumas palavras a lápis, numa letra decidida e nervosa:

“Peço-lhe, por tudo, que me oiça e que me perdoe a imprudência.
Emiliana Serpa.”

... Emiliania Serpa? ... Flutuou-me pelo espírito uma vaga ideia deste nome, mas tão leve e indecisa que não conseguiu reproduzir nenhuma imagem positiva. Eu já o ouvira, mas onde... mas quando?

Diante da minha perplexidade a criada indagou timidamente:

- Faço-a esperar na saleta ou entrar para o escritório?

- Conduza-a ao salão.

No curto caminho do divã ao espelho, onde me fui empoar, lembrei-me repentinamente dessa senhora. Fora-me apresentada nas recepções de inverno da M.^{me} Z., e a única coisa que a recomendava ainda á minha lembrança era um colar de esmeraldas que pela sua irrequieta cintilação lhe cingia o colo branco num movimento vivo, de réptil de escamas verdes, ondulando na volúpia do leite. Sem expressão que a caracterizasse, aquela mulher só por meio de um acessório de gosto ou de luxo conseguiria fixar-se da memória das aparências.

Era o que eu supunha.

Quando entrei na sala ela estava de pé.

Nem bonita nem feia. Vestia de escuro e com muita simplicidade. Acomodámo-nos.

Percebendo que ela não estava à vontade acudi em seu favor dizendo ter adivinhado qual o motivo da sua visita. Vinha por certo pedir o meu concurso para a festa de caridade de que falavam os jornais...

Com uma voz de febre, que não esquecerei nunca, ela replicou resolutamente:

- Não. Não se trata de caridade; trata-se de mim. Parecer-lhe-á absurdo o que lhe vou dizer, mas é a verdade, tanto esta se confunde às vezes com o fantástico! Por que vim a sua casa? Porque preciso de uma solução para um romance: o meu. Meu, mas não feito por mim. Eu seria incapaz de escrever duas linhas. Sou apenas uma personagem que à força de sofrer quer ver o enredo em que vive acabado quanto antes. Mas como? Não sei. É o que lhe venho perguntar. Você é romancista, prevê casos extraordinários e encontra sempre para eles soluções naturais. Dir-me-á uma que me salve. Não quero mais nada. Preciso de um desfecho quanto antes e custe o que custar. Não me olhe com essa

estranheza; eu não sou louca. Tenho sido sempre uma mulher sensata, mas estou agora numa situação de que não sei como hei de sair; uma verdadeira betesga, donde não posso voltar para traz e não sei como caminhar para a frente. Você conheceu-me em casa de uma amiga comum, mas talvez tenha esquecido alguma coisa do que lá ouviu dizer a meu respeito. Sou viúva, tenho trinta e seis anos e uma filha de dezenove, casada por amor ha dois anos e meio com um rapaz distintíssimo. Ela é linda, é inteligente e de uma alegria cristalina, uma dessas alegrias inocentes que enchem de ar e de luz o ambiente em que irradiam. Eu nunca fui bonita, e tendo sido casada com um ciumento tive sempre a grande preocupação de apagar o que ainda pudesse haver de interessante na minha fisionomia ou nos meus gestos. Quando minha filha se casou passei todos os meus títulos para seu nome. A própria casa em que moramos, deixou de ser minha, para ser deles, não pedindo eu um troco de tudo senão que me deixassem viver em sua companhia. Durante dois anos a nossa vida deslizou alegremente. Mas depois levantou-se pouco a pouco... pouco a pouco, uma grande sombra entre nós. Meu genro, sempre tão amante da mulher, começou a esquivar-se de acariciá-la ao pé de mim... tinha devaneios, distrações inexplicáveis. Deixou de sair à noite, de levar a mulher aos teatros e aos bailes, só para ficar em casa. Percebia-lhe por vezes o olhar pousado no meu rosto com tal concentração que eu sentia na pele um ardor, como se lhe tivessem aproximado uma brasa. Hesitei ao princípio; mas a continuação daquele olhar furtivo, daquela tristeza sem remédio, da ansiedade com que me esperava se eu saía, ou com que em meias palavras me dizia coisas banais, acabaram por esclarecer-me: meu genro amava-me, não com o respeito de um filho mas com a paixão ardente, insaciável, terrível com que um homem pode amar uma mulher que lhe é vedado possuir e em cujo contato está diariamente! Compreenda o meu martírio: adoro minha filha, não quero que a mais leve nuvem tolde a sua ventura e tremo a cada instante que ela suspeite sequer, ou venha por qualquer imprudência a conhecer a verdade. Não sei para onde hei de fugir. Às vezes fecho-me no meu quarto, choro, rezo, martirizo-me, e, quando saio, o olhar dele, que me espera, vae até ao fundo do

senão que me deixassem viver em sua companhia. Durante dois anos a nossa vida deslisou alegremente. Mas depois levantou-se pouco a pouco... pouco a pouco, uma grande sombra entre nós. Meu genro, sempre tão amante da mulher, começou a esquivar-se de acariciar-a ao pé de mim... tinha devaneios, distrações inexplicáveis. Deixou de sair á noite, de levar a mulher aos teatros e aos bailes, só para ficar em casa. Percebia-lhe por vezes o olhar pousado no meu rosto com tal concentração que eu sentia na pele um ardor, como se lhe tivessem aproximado uma brasa. Hesitei ao principio; mas a continuação daquele olhar furtivo, daquela tristeza sem remédio, da ansiedade com que me esperava se eu saía, ou com que em meias palavras me dizia coisas banaes, acabaram por esclarecer-me: meu genro amava-me, não com o respeito de um filho mas com a paixão ardente, insaciável, terrível com que um homem pode amar uma mulher que lhe é vedado possuir e em cujo contacto está diariamente! Compreenda o meu martírio: adoro minha filha, não quero que a mais leve nuvem tolde a sua ventura e tremo a cada instante que ela suspeite sequer, ou venha por qualquer imprudencia a conhecer a verdade. Não sei para onde hei de fugir. Às vezes fecho-me no meu quarto, choro, rezo, martiriso-me, e, quando saio, o olhar dele, que me espera, vae até ao fundo do meu coração. Adivinha tudo, talvez? Não sei, mas penso que sim. Fingi sempre não perceber o fogo em que ele se consumia, mas tenho a certeza, essa certeza instintiva, inteligente, terrível, de que não ha segredos entre nós dois e que portanto ele conheceu a minha dissimulação. Ah, você não póde imaginar a tortura que é para uma mulher a presença constante de um homem que a adora, que a deseja, que respira a curta distancia da sua boca, que a envolve num olhar de misterio e de muda solicitação, que lhe beija as mãos nos cumprimentos familiares, que não diz nada que não seja digno e correto, mas em quem, atraz dessa dignidade e dessa correção, se sente uma labareda de sensualidade crescer na ameaça de tudo destruir! Ele continha-se. Eu disfarçava.

Minha filha nada percebia, vivendo entre nós com a mesma alegria confiante de sempre. Mas o amor de meu genro torna-se cada vez mais impetuoso e exigente. Ele tem medo de si mesmo. Já me não beija as mãos nem a face senão quando minha filha está presente, se ela não está cumprimentamo-nos apenas, quasi cerimoniosamente.

meu coração. Adivinha tudo, talvez? Não sei, mas penso que sim. Fingi sempre não perceber o fogo em que ele se consumia, mas tenho a certeza, essa certeza instintiva, inteligente, terrível, de que não ha segredos entre nós dois e que portanto ele conheceu a

minha dissimulação. Ah, você não pode imaginar a tortura que é para uma mulher a presença constante de um homem que a adora, que a deseja, que respira a curta distancia da sua boca, que a envolve num olhar de mistério e de muda solicitação, que lhe beija as mãos nos cumprimentos familiares, que não diz nada que não seja digno e correto, mas em quem, atrás dessa dignidade e dessa correção, se sente uma labareda de sensualidade crescer na ameaça de tudo destruir! Ele continha-se. Eu disfarçava.

Minha filha nada percebia, vivendo entre nós com a mesma alegria confiante de sempre. Mas o amor de meu genro torna-se cada vez mais impetuoso e exigente. Ele tem medo de si mesmo. Já me não beija as mãos nem a face senão quando minha filha está presente, se ela não está cumprimentamo-nos apenas, quase cerimoniosamente.

Este retraimento mais lhe atea o amor sopitado. Também em mim o medo é maior. Já não passo pelos corredores da casa às escuras.

À noite, mal dou um passo, acendo as lâmpadas do caminho. Às vezes, no silêncio dos serões, ouço as pancadas do seu coração e as do meu, no mesmo ritmo; mas se queremos fugir um do outro, vem minha filha beijar-nos e solicitar a nossa presença! Os cabelos dele têm embranquecido; aos trinta anos já lhe alvejavam as fontes. Eu despoetizo-me. Volto ao martírio do tempo de casada. Ele antes elogiava a beleza das minhas mãos e o talhe das minhas unhas. Veja-as: corto-as rente ao sabugo, e já não as lustro para as tornar antipáticas. A minha roupa parece de freira. Em casa chego a ter desmazelos com a minha pessoa.

Pois nem assim ele se dissuade. E ela, a minha filha é casa vez mais encantadora, mais feliz, porque o seu marido não gosta de sair de casa e porque a sua mocidade tem a alegria e o brilho de uma Primavera! Ah, mas eu já não passo, eu já não posso! Como terminará esta história e como poderei abrir-lhe o fim? Diga. Foi para isso que eu vim procurá-la...

Murmurei comovida:

-Uma viagem... porque não se afasta por algum tempo?

-Uma viagem! com que dinheiro? Tudo quanto eu possuía entreguei-lhes no dia do noivado.

Este retraimento mais lhe atea o amor sopitado. Também em mim o medo é maior. Já não passo pelos corredores da casa às escuras.

A' noite, mal dou um passo, acendo as lampadas do caminho. A's vezes, no silencio dos serões, ouço as pancadas do seu coração e as do meu, no mesmo ritmo; mas se queremos fugir um do outro, vem minha filha beijar-nos e solicitar a nossa presença! Os cabelos dele teem embranquecido; aos trinta anos já lhe alvejavam as fontes. Eu despoetiso-me. Volto ao martirio do tempo de casada. Ele antes elogiava a beleza das minhas mãos e o talhe das minhas unhas. Veja-as: córto-as rente ao sabugo, e já não as lustro para as tornar antipáticas. A minha roupa parece de freira. Em casa chego a ter desmazelos com a minha pessoa.

Pois nem assim ele se dissuade. E ela, a minha filha é cada vez mais encantadora, mais feliz, porque o seu marido não gosta de sair de casa e porque a sua mocidade tem a alegria e o brilho de uma Primavera! Ah, mas eu já não posso, eu já não posso! Como terminará esta historia e como poderei abreviar-lhe o fim? Diga. Foi para isso que eu vim procura-la...

Murmurei comovida:

— Uma viagem... porque não se afasta por algum tempo?

— Uma viagem! com que dinheiro? Tudo quanto eu possua entreguei-lhes no dia do noivado.

E' uma solução impossível, essa! Minha filha exigiria uma explicação. Nunca nos separámos... E depois ele iria ter comigo fosse onde fosse. Seria capaz de abandonar a mulher por mim.

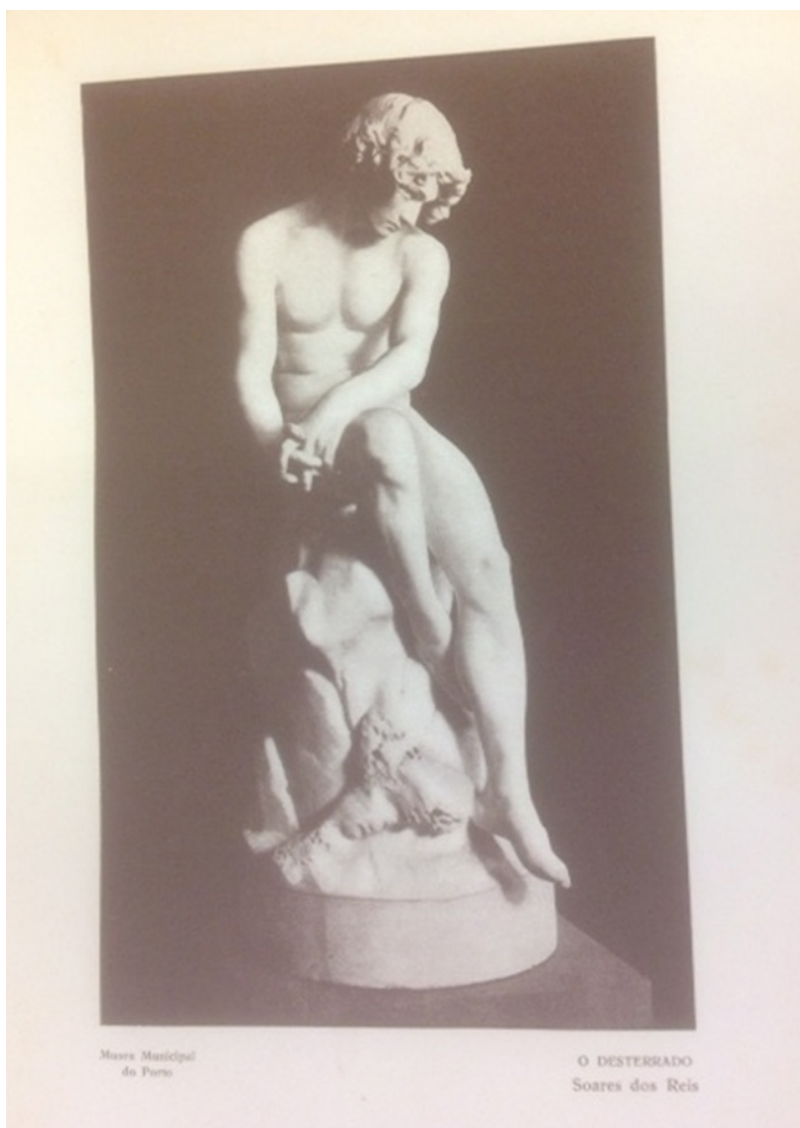
Sou-lhe mais indispensavel.

A minha presença é o veneno que ele necessita injectar nas veias a todas as horas... Começa a ter ciúmes de mim. Se eu saio, apoquento a mulher com indagações; se tardo, afflige-se ou procura encontrar-me. Por que vim eu tão cedo a sua casa? Porque a esta hora ele está preso aos deveres de uma aula a que não falta. Aproveitei os minutos de liberdade, como uma criança!

— Mas se ele nunca lhe disse nada, quem sabe se não passará tudo de uma illusão?...

— Uma mulher da minha idade não se ilude nunca num caso desses... Antes mesmo que ele olhasse tão obstinadamente para mim, e que os seus cabelos embranquecessem, e que as suas mãos se enregelassem nas minhas, já eu sentia como uma ameaça horrível o germinar dessa paixão. Que hei-de fazer? Responda!

É uma solução impossível, essa! Minha filha exigiria uma explicação. Numa nos separamos... E depois ele iria ter comigo fosse onde fosse. Seria capaz de abandonar a mulher por mim.



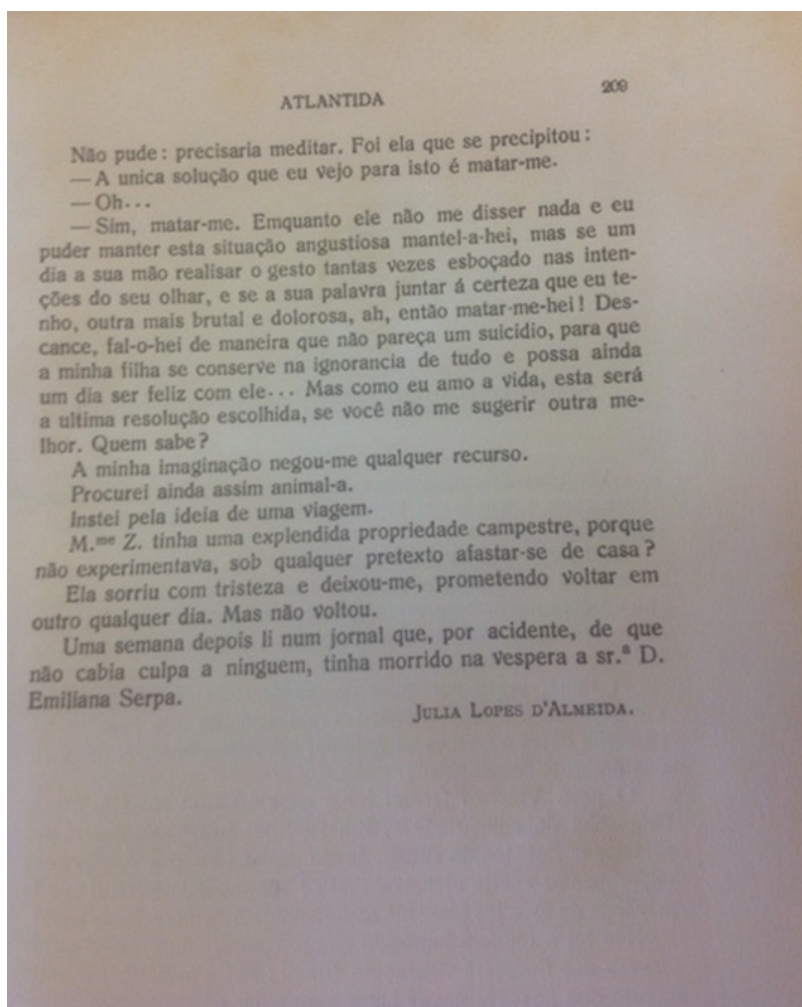
Sou-lhe mais indispensável.

A minha presença é o veneno que ele necessita injetar nas veias a todas as horas... Começa a ter ciúmes de mim. Se eu saio, apoquenta a mulher com indagações; se tardo, aflige-se

ou procura encontrar-me. Por que vim eu tão cedo a sua casa? Porque a esta hora ele está preso aos deveres de uma aula a que não falta. Aproveitei os minutos de liberdade, como uma criança!

-Mas se ele nunca lhe disse nada, quem sabe se não passará tudo de uma ilusão?...

-Uma mulher da minha idade não se ilude nunca num caso desses... Antes mesmo que ele olhasse tão obstinadamente para mim, e que os seus cabelos embranquecessem, e que as suas



mãos se enregelassem nas minhas, já eu sentia como uma ameaça horrível o germinar dessa paixão. Que hei-de fazer? Responda!

Não pude: precisaria meditar. Foi ela que se precipitou:

-A única solução que eu vejo para isto é matar-me.

-Oh...

-Sim, matar-me. Enquanto ele não me disser nada e eu puder manter esta situação angustiosa mantê-la-ei, mas se um dia a sua mão realizar o gesto tantas vezes esboçado nas intenções do seu olhar, e se a sua palavra juntar à certeza que eu tenho, outra mais brutal e dolorosa, ah, então matar-me-hei! Descanse, fá-lo-ei de maneira que não pareça um suicídio, para que a minha filha se conserve na ignorância de tudo e possa ainda um dia ser feliz com ele...Mas como eu amo a vida, esta será a última resolução escolhida, se você não me sugerir outra melhor. Quem sabe?

A minha imaginação negou-me qualquer recurso.

Procurei ainda assim animá-la.

Insteei pela ideia de uma viagem.

M.me Z. tinha uma esplêndida propriedade campestre, porque não experimentava, sob qualquer pretexto afastar-se de casa?

Ela sorriu com tristeza e deixou-me, prometendo voltar em outro qualquer dia. Mas não voltou.

Uma semana depois li num jornal que, por acidente, de que não cabia culpa a ninguém, tinha morrido na véspera a sr.^a D.Emiliana Serpa.

Julia Lopes d'Almeida